

JOHN DIXON

FÊNIX A ILHA

Tradução
Camila Fernandes





CAPÍTULO I

Usando um macacão azul de tecido rijo e algemas, Carl sentou-se com o semblante inexpressivo e esperou para ver o que fariam com ele dessa vez.

Eles o atacariam com tudo. O juiz poderia até mandar o caso diretamente para um tribunal adulto, e logo Carl teria de encarar uma sentença de prisão, de *verdadeira* prisão. Nada de reformatório e nada de garotos. Homens. Ladrões, estupradores e assassinos. Gangues e facas escondidas. Tudo. Teria sorte de sobreviver ao primeiro mês.

O Juizado de Menores do Condado de Dale não parecia uma sala de tribunal. Era somente um quarto estreito com duas mesas dobráveis, uma de cada lado. Nenhuma tribuna de juiz, nenhuma banca de jurados, nenhuma galeria de espectadores. Só as mesas e aproximadamente uma dúzia de cadeiras metálicas pouco confortáveis ao redor delas. Carl sentiu cheiro de tapete novo e café recém-passado. As luzes fluorescentes zumbiam no teto rebaixado. Uma bandeira americana estava apoiada num canto, enrolada e presa à parede por um pódio empurrado contra ela para abrir espaço na sala.

Ele evitou contato visual com os pais adotivos, que se sentaram no outro extremo da mesa, perto da Sra. Snyder, uma oficial de justiça. Em vez disso, fitou as próprias mãos, contundidas e inchadas — as cicatrizes nas articulações dos dedos parecendo um mapa distorcido do longo caminho que ele havia percorrido até chegar ali.

No exterior da sala, alguém que passava riu. Carl ouviu o tinir de chaves. Um policial, provavelmente.

O policial dentro da sala parecia entediado. O coldre de couro em seu cinto rangeu quando ele deslocou o peso do corpo, observando o juiz folhear uma alta pilha de papéis.

Devido à espera, Carl sentia a boca seca e azeda. Diretamente do outro lado da mesa, o juiz apanhou um copo de isopor branco. Depois, largou-o e jogou alguns papéis de lado. Então, ergueu os olhos. Tinha olhos úmidos e linhas profundas no rosto. O cabelo era um emaranhado cinzento, e ele precisava fazer a barba. Apesar da toga que vestia, parecia mais um professor de matemática morto de cansaço que um juiz. Ao olhar mais uma vez para o copo branco, ele finalmente falou:

— Alguém pode me trazer outro copo de café, por favor? Velma? Você se incomodaria?

Uma mulher alta assentiu e se levantou, saindo da sala.

— Você é órfão — disse o juiz, voltando a atenção para Carl.

— Sim, senhor.

— Diz aqui que seu pai foi um oficial da polícia.

— Sim, senhor.

— E o que isso faz de você?

— Senhor?

— O xerife?

O chefe de polícia Watkins bufou:

— *Eu sou* a porcaria do xerife.

— Olhe o linguajar, chefe. Eu detestaria ter que acusar o senhor de desacato ao tribunal.

Carl avaliou as vozes masculinas: só um par de velhos amigos aproveitando para se divertir um pouco enquanto resolviam mais um caso juntos.

O xerife Watkins meneou a cabeça.

— Desculpe, Meritíssimo.

— Tudo bem. — Então, voltando a olhar para Carl, perguntou:

— Você é do tipo que dá porrada, não é, filho?

O xerife Watkins pigarreou.

— Tudo bem, xerife. É o meu tribunal. Eu o desacato se achar que devo. Responda à pergunta, filho. Você se acha do tipo que dá porrada?

Carl encolheu os ombros.

— Tento não ser.

— Tenta não ser.

— Sim, senhor.



— E sabe com quem você se parece?
— Não, senhor.
— Parece com todos os moleques que entram aqui. — Olhou para o papel. — Diz aqui que é boxeador.
Carl assentiu, balançando a cabeça.
— Fui.
— O xerife Watkins costumava boxear um pouco, não é, xerife?
— Só com uns caras no tempo da marinha. Nada oficial.
— Nosso amigo aqui participou de mais do que algumas lutas. Quantas foram, no total, filho? — disse o juiz.
— Oitenta e sete — respondeu Carl.
— E, dessas 87 disputas, quantas ganhou?
— Oitenta e cinco.
O juiz levantou as sobrancelhas desgrenhadas.
— É um bom histórico. Você foi campeão?
— Sim, senhor.
— Que tipo de campeão?
— Trinta e quatro, quarenta e cinquenta e dois quilos.
O juiz inclinou a cabeça, depois sorriu levemente.
— Não, filho, não estou falando das categorias de peso. Quis dizer o nível de campeão. Municipal? Estadual? Nacional?
Carl assentiu novamente.
— Todos?
— Sim, senhor. No Junior Golden Gloves, PAL e AAU¹.
O coldre do policial Watkins rangeu de novo quando ele se inclinou para trás.
— Isso é muito bom.
Carl relaxou um pouco. Falar de boxe fazia isso, levava-o a sentir que era mais do que apenas um moleque de rua esperando a condenação. Ainda assim, podia ver que esse juiz se considerava o tipo de cara impetuoso e objetivo, que atira primeiro e pergunta depois. Um juiz como esse poderia

¹ Torneios promovidos por organizações esportivas. PAL é a Police Athletic/Activities League, e AAU é a Amateur Athletic Union. (N.T.)



tanto jogá-lo num calabouço pelo resto da vida como deixá-lo sair impune, só para ver a cara que você faria.

O juiz disse:

— Quando perguntei se foi boxeador, você disse “fui” em vez de “sou”.

Isso está correto?

— Sim, senhor. Fui.

— Foi, então. Está aposentado?

— É que eu vivo me mudando. Não consegui lutar... boxe... por um tempo.

— De fato.

Velma voltou e entregou o café ao juiz.

— Obrigado, querida — agradeceu ele. — Senhor e Senhora Rhoades, têm certeza de que não gostariam de um café? Muito bem, então. Há algo que gostariam de dizer?

Os novos pais adotivos de Carl pareceram nervosos. Ele se perguntou se os dois já haviam estado numa sala de tribunal antes. Provavelmente não. Sentiu-se mal por arrastá-los a isso. O Sr. Rhoades provavelmente havia faltado ao trabalho, e Carl pôde ver que a Sra. Rhoades estivera chorando. Ela disse ao juiz que os dois conheciam Carl havia pouco tempo, mas que ele era um bom rapaz, muito respeitoso. O Sr. Rhoades concordou, meneando a cabeça. Escutando-os, Carl sentiu uma nova onda de angústia, causada pela perda. A vida poderia ter sido boa com eles. Muito boa mesmo.

O juiz agradeceu-lhes, voltou a remexer os papéis e disse:

— Carl, por que você machucou aqueles rapazes?

Carl pigarreou antes de responder:

— Eles não pararam.

— Pode entrar em detalhes, por favor? Estou tentando decidir seu destino neste instante e gostaria de pensar que lhe dei uma chance de contar sua versão da história. Não sei como é que são as coisas lá na Filadélfia, mas não é todo dia que eu lido com um garoto que espancou metade de uma equipe de futebol. Não concorda, xerife Watkins?

— Sim, Meritíssimo. Diria que isso é francamente idiossincrático.

— Idiossincrático, sim. Então, Carl, você se incomoda de me contar um pouco mais sobre o que levou a esse infeliz incidente?



— Eu só estava lá comendo meu almoço, daí ouvi eles dando risada, me virei e vi aquele garoto, acho que o nome dele é Brad, provocando um menininho. Eli alguma coisa.

— Sim — disse o juiz. — Eli Barringer e Brad Templeton. Brad acabou de sair do hospital e foi para casa, caso queira saber. Está com o maxilar imobilizado. Vai ter que tomar o café da manhã, o almoço e o jantar de canudinho pelos próximos seis meses, segundo o pai dele. Você os conhecia?

— Senhor?

O juiz fazia perguntas da mesma forma que um boxeador habilidoso distribuía socos diretos. Você nunca os via chegando e, bem quando achava que havia encontrado um ritmo, ele mandava um soco e tirava seu equilíbrio outra vez.

— Esse menino, Eli, por exemplo. Era seu amigo?

— Não, senhor.

— Você só decidiu defendê-lo, então. E conhecia Brad Templeton?

— Não, senhor.

— O que estou tentando compreender é por que faria algo assim. Não foi por rancor nem por amizade à vítima. Por que não me conta um pouco mais sobre como tudo aconteceu? Talvez até *por que* aconteceu.

— Não sei. — Carl lembrou-se dos óculos grossos de Eli, o corpo encurvado e, o pior de tudo, o sorriso: o aparelho odontológico cheio de pão branco e manteiga de amendoim. — Eu só... não gosto de valentões. Quero dizer, não aguento. Eles estavam tirando sarro daquele menino, e ele estava sentado lá, rindo, porque não sabia o que estava acontecendo, e todo mundo continuava rindo dele, daí eu levantei, fui lá e mandei pararem com aquilo.

— Quando diz *eles*, está se referindo a Brad Templeton?

— Sim, senhor.

— Uma escolha interessante de palavras, *eles*. Não é a primeira vez que algo assim acontece.

Carl balançou a cabeça negativamente.

— Li seus registros, filho. Levei a maior parte da tarde de ontem. Devo dizer, para empregar a terminologia do xerife Watkins, que achei sua história bastante *idiossincrática*.

Olharam um para o outro durante um segundo, e o juiz disse:



— Carl, você esteve em 18 lugares diferentes nos últimos 4 anos, isso sem contar as estadas curtas, como o lugar onde adquiriu esse macacão que está usando. Dezoito. Uma dúzia e meia de lares adotivos, abrigos e centros de detenção juvenil na Pensilvânia, Nova Jersey, Ohio e — o juiz lançou os olhos abaixo aos papéis — Idaho. Como foi em Idaho?

— Frio, senhor.

— Frio, sim. Imagino. Você acumulou uma das fichas criminais mais longas que já vi num jovem e mal acabou de fazer 16 anos. Mas há algo que realmente me chama a atenção. Todos são, do primeiro ao último, a mesma repetição de ataque e agressão, o tipo de situação que trouxe você até aqui. Alguém estava atormentando alguém e você tomou para si a tarefa de ensinar ao primeiro uma lição. Bom Deus, filho, perdi a conta de quantas pessoas você atacou. E não foram só outros garotos. Ah, não. Socou pais adotivos e professores e seguranças de shopping center e até um policial. Um policial! Filho, você não tem cérebro, não?

Carl baixou o olhar.

— Ele colocou um menino com um skate contra as grades e ficou gritando com ele e batendo o coitado contra as barras, daí eu...

— Pare — ordenou o juiz. — Não tem essa de “daí eu” quando você não gosta de algo que um policial está fazendo. Não tinha que se meter na situação. Sorte sua ele não ter atirado em você. Eu teria atirado. Xerife, você não teria atirado?

— Contra mãos como as dele? Sim, teria atirado.

Carl desejou que os dois parassem com aquela droga de teatrinho e resolvessem logo o negócio. Quanto mais tempo ficava ali, mais sentia que estava a caminho do desastre.

O juiz continuou:

— Não sei quem decidiu trazer você até a Carolina do Norte e largá-lo em Jessup High, mas pretendo descobrir. E, além disso, vou mandar pregar o couro de quem fez isso na minha varanda ao pôr do sol. — Relanceou os olhos para Velma, que assentiu e fez uma anotação numa prancheta. — É uma pessoa rara, Carl Freeman. Tirando as brigas, seu registro é absolutamente limpo. Nada de roubos, drogas ou bebidas. Não fossem as brigas, pareceria um candidato ao coral da igreja.



Carl já havia ouvido tudo isso antes.

— Não procuro encrenca... Se ao menos eles parassem...

O juiz cruzou os dedos e estreitou os olhos.

— Muito interessante, Carl. Muito interessante mesmo. Você disse de novo “Eles”. Sente que essas pessoas, Brad, o policial em Ohio e todo o resto estão nessa juntos? Que são parte de um clube ou coisa assim?

— Não sou louco.

O juiz deu uma batidinha na pilha de papéis antes dele.

— Receio que seu registro implique o contrário. Ou você é insano ou, no mínimo, *francamente idiossincrático*. É como se tivesse um complexo de super-herói ou coisa do tipo. Estudante educado de dia, lunático feroz à noite.

Um fogo cresceu no peito de Carl e subiu-lhe ao rosto. As articulações dos dedos começaram a latejar novamente. Por que ninguém entendia?

— Se eu não fizer eles pararem, ninguém vai fazer isso. Nem os outros garotos, nem os professores, ninguém. Todo mundo simplesmente fica parado olhando. Os garotos fingem que acham engraçado, porque têm medo de dizer alguma coisa, e os professores fingem que não veem porque são preguiçosos demais para agir. O que eu deveria fazer?

— Baixe o tom de voz — mandou o xerife Watkins. Ainda apoiado à parede com os braços grandes cruzados sobre o peito, mas os olhos fulminando Carl.

O juiz ergueu a mão ligeiramente.

— Está tudo bem, xerife. Fico feliz que o garoto esteja se revelando.

— Então, voltando-se para Carl, ele continuou: — Agora, esses rapazes que você atacou, Brad Templeton e os outros, são bem conhecidos na comunidade. Gente que lava o carro e vende doces de porta em porta, talvez você conheça o tipo. As mães e os pais deles, eu os vejo no Elks Club toda sexta-feira à noite. No outono, chegamos um pouco mais tarde nas noites de sexta. Sabe, o futebol é bastante popular aqui neste nosso pedacinho do mundo. Perturbadoramente popular, na verdade. Às vezes, parece até religião. Consegue entender o tipo de problema que você me causou?

Carl acenou de maneira positiva com a cabeça, pensando, *Lá vem. Acabou a brincadeira; lá vem o soco do nocaute*.

O juiz acrescentou:



— A temporada de futebol de Jessup acabou antes mesmo de começar. Os rapazes com narizes quebrados estão bem, mas os de costelas enfaiçadas e maxilares imobilizados vão ficar fora durante toda a temporada. Nesse time há outros garotos, bons meninos que estão contando com o futebol para conseguir bolsas na faculdade. Quem dará a menor atenção a um time com a péssima pontuação que Jessup terá este ano? Ninguém, mas ninguém mesmo. Assim, esses rapazes, em vez de irem para a faculdade, vão simplesmente aparar gramados e carregar caixas de cerveja para os caminhões das pessoas pelo resto da vida. — O juiz olhou diretamente nos olhos de Carl e, pela primeira vez, o garoto percebeu a raiva que havia ali. — Essas são as vítimas autênticas do seu crime. Eles podem até não saber, mas eu sei, e os pais deles também sabem. A cidade quer o seu sangue, filho. Eles gostariam de enforcá-lo no meio do campo de futebol e depois jogar o resto aos porcos.

— Sinto muito por esses outros garotos. — Carl baixou a cabeça. *Realmente* sentia. Essas pessoas nunca lhe passaram pela cabeça. Pior: ainda que tivessem, ele não tinha certeza de que poderia ter evitado o que fizera.

— Realmente acredito que sinta pena por eles, mas o que me interessa é: sente também pelos outros rapazes, aqueles a quem você machucou?

Carl lembrou-se da encosta da montanha verde-escura para além das janelas da cafeteria, as faixas do nevoeiro erguendo-se como espíritos que partem. Um mundo estranho, distante de casa, onde tudo era escuridão e vazio. Lembrou-se dos rapazes, da crueldade, das risadas quando ele os mandara parar. Lembrou-se da luta, de todos vindo para cima dele e, depois, dos garotos espalhados pelo chão, sangrando, e dele próprio entregando-se à polícia.

Ergueu o olhar e balançou a cabeça. Negativamente.

A boca do juiz se estreitou.

— Como imaginei. Embora eu louve sua honestidade, devo reconhecer publicamente que um criminoso que não demonstra remorso por seus crimes é, por natureza, alguém que provavelmente vai perpetrar os mesmos crimes no futuro. Com essas mãos aí, posso acusá-lo de agressão armada. Oito agressões. Esqueça o centro de detenção juvenil. O xerife Watkins pode levá-lo diretamente à penitenciária estadual, onde você poderia



cumprir uma pena de, ah, uma ou duas décadas, ao lado de homens feitos. Está bom pra você?

— Não, senhor.

— Ou posso entregá-lo a Windy Pines. Eles o poriam numa cela almofadada e o drogariam tanto que você não seria capaz sequer de amarrar os próprios sapatos. Gosta dessa ideia?

— Não, senhor.

— O problema é que preciso viver com qualquer decisão que tome aqui hoje, e, apesar da sua idiossincrasia singular, acredito que você tenha potencial para se tornar um bom homem um dia. Seu pai morreu no cumprimento do dever?

— Morreu por causa dos ferimentos que sofreu durante o cumprimento do dever. — Se a resposta soou automática, como algo que Carl já havia dito antes, é porque era isso mesmo. Algo que já dissera muitas, muitas vezes.

O juiz suspirou.

— Carl, acredito que, no presente momento, apesar do seu potencial, você é incapaz de controlar seu temperamento explosivo se a situação antes mencionada voltar a surgir.

Carl assentiu.

— No passado, os juízes já adotaram todo tipo de abordagem, da leniência absoluta à severidade draconiana. Nada funcionou. Ainda assim, você tem esse potencial dentro de si. Mesmo seus atos criminosos demonstram certa nobreza, como se você seguisse um código moral mais alto que o do resto da humanidade. Mas não se engane: são crimes. À luz desses fatores, a natureza e o número dos crimes, sua aparente incapacidade de se controlar e o potencial positivo que vejo em outros aspectos do seu caráter e comportamento, eu o sentencio, portanto, à Ilha Fênix, um campo de treinamento de estilo militar. O tempo de confinamento deve começar imediatamente e terminar na data do seu décimo oitavo aniversário, momento em que você deve voltar à Carolina do Norte para cumprir o resto da sua sentença, de seis meses a três anos, na penitenciária estadual, ou então ganhar um posto na Ilha Fênix, momento no qual este tribunal declarará sua dívida completamente paga e, além disso, expurgará sua ficha de infrações como menor de idade.



Carl engoliu em seco. Cadeia ou liberdade. Nada de meio-termo.

— Não há liberdade condicional na Ilha Fênix. É uma instituição terminal, o que significa que você permanecerá lá até se tornar legalmente adulto. Falhe em aprender com esta oportunidade e lhe antecipo que passará o resto da vida entrando e saindo da prisão. Se, contudo, aproveitar ao máximo a situação e aprender a dar aos outros uma segunda chance, da mesma forma que eu estou lhe dando aqui hoje, pode levar uma boa vida como membro produtivo da sociedade. Se adquirir controle sobre esse seu temperamento explosivo, acho que se tornará um baita policial.

— Obrigado, senhor.

O juiz olhou Carl bem nos olhos.

— Chegará o dia, filho, em que você terá que decidir exatamente quem é e o que pretende ser.

— Sim, senhor.

O juiz terminou o café, colocou o copo vazio sobre o arquivo de Carl e se voltou para os outros.

— Perguntas?

A Sra. Rhoades perguntou onde ficava aquele lugar e quais eram os horários de visita.

Abã, claro, pensou Carl. Se há duas coisas que você aprende quando é órfão, é que há fins e começos. Uma visita do Sr. e da Sra. Rhoades era tão provável quanto uma dos pais mortos de Carl.

O juiz encerrou a questão:

— Receio que essas informações sejam confidenciais, senhora Rhoades, e também irrelevantes. A Ilha Fênix não permite nenhum contato com o mundo exterior.

